

Crise fiscal também se estende aos municípios

Economia brasileira completa dois trimestres consecutivos de crescimento

Confiança da indústria cresce com alívio no cenário político-econômico

Crise atenua e indústria gaúcha projeta aumento da demanda

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Crise fiscal também se estende aos municípios

A política fiscal tem sido um dos assuntos mais discutidos em economia brasileira nos últimos anos. Muito tem se falado da crise fiscal da União e dos Estados. No entanto, não devemos esquecer que a crise fiscal também se estende por boa parte dos municípios brasileiros. O Índice de Gestão Fiscal dos Municípios de 2016 (IFGF), divulgado recentemente pela Firjan, ajuda a entender a proporção do problema.

O IFGF avalia cinco dimensões da gestão municipal: capacidade de gerar receita própria, gastos com pessoal, investimentos, liquidez e custo da dívida. Ele é elaborado com base nas informações enviadas pelas prefeituras à Secretaria do Tesouro Nacional, em cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal, e tem o intuito de sintetizar a condução fiscal dos municípios em torno de uma mesma base de comparação. O indicador varia de 0 a 1, sendo 1 o melhor resultado e 0 o pior. Além disso, atribuem-se os seguintes conceitos: (i) crítica, de 0 a 0,4; (ii) em dificuldade: de 0,4 a 0,6; (iii) boa: de 0,6 e 0,8 e; (iv) excelente: acima de 0,8.

Dos 4.544 municípios analisados, 85,9% apresentaram situação fiscal difícil ou crítica, apenas 13,8% boa situação e somente 0,3% (13) mostraram excelente quadro fiscal. Dessa forma, 2016 foi o ano com o maior percentual de prefeituras cujas finanças indicam má gestão e com a menor proporção de administrações em excelência de toda a série do IFGF, iniciada em 2006.

No Rio Grande do Sul, o cenário é um pouco

melhor. Dos 485 municípios analisados, 78% apresentaram gestão difícil ou crítica, enquanto apenas um município apresentou excelência na gestão (São José do Hortêncio). Entre os dez municípios com maior atividade econômica do estado, seis se encontram em situação fiscal difícil, e quatro apresentam um bom quadro fiscal. Caxias do Sul destaca-se positivamente, alcançando 0,73 pontos e subindo para 85ª posição no ranking nacional. Passo Fundo, por sua vez, é o destaque negativo. O município vem apresentando deteriorações consecutivas na sua gestão fiscal, atingindo os 0,46 pontos em 2016. A capital, Porto Alegre, também piorou sua posição de 2015 para 2016, mas ainda continua dentro do patamar de boa gestão.

Além disso, o relatório da Firjan mostra que o resultado negativo dos municípios tem duas origens. A primeira tem caráter conjuntural e está relacionada à redução dos repasses federais, principalmente o Imposto de Renda e o IPI, em função da contração natural da base de incidência dos tributos em períodos de crise. A segunda tem cunho estrutural e está ligada à rigidez da despesa, essencialmente no que tange o gasto com pessoal. O comprometimento do orçamento com despesas obrigatórias expõe as finanças municipais às variações cíclicas da economia, reduzindo o espaço para investimentos. Nota-se, portanto, que as raízes da crise fiscal são semelhantes nos três níveis de governo. A única maneira de se assegurar uma gestão de recursos públicos sustentável é através de reformas profundas, que possibilitem ajustar as despesas a arrecadação.

Economia brasileira completa dois trimestres consecutivos de crescimento

O PIB do segundo trimestre de 2017 subiu 0,2% em relação ao primeiro, na série com ajuste sazonal. Com isso, a economia brasileira completa dois trimestres consecutivos de expansão, algo que não acontecia desde 2014. O resultado foi superior à mediana das expectativas de mercado apurada pelo Boletim Focus, que indicava estabilidade (0,0%). Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o PIB também registrou variação positiva (0,3%). No entanto, no acumulado em quatro trimestres, a variação ainda é negativa (-1,4%).

Pela ótica da demanda, o destaque positivo é o consumo das famílias, que cresceu 1,4% na comparação com o trimestre imediatamente anterior, encerrando a série de nove quedas consecutivas. O destaque negativo é a Formação Bruta de Capital fixo, que recuou 0,7%. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a contração é de 6,5%, completando assim 13 trimestres consecutivos de queda nesta base de comparação, o que mostra o cenário ainda muito deteriorado nos investimentos.

Entre os grandes setores, os Serviços apresentaram o maior crescimento na comparação com o trimestre imediatamente anterior (0,6%). Já a Agropecuária mostrou estabilidade na margem (0,0%), acomodando o

elevado crescimento do primeiro trimestre de 2017 (11,5%). Por outro lado, na comparação com o mesmo trimestre de 2016, o PIB da Agropecuária continua mostrando um ano excepcional, registrando 14,9% de crescimento. Dessa forma, o setor acumula variação de 15% no primeiro semestre de 2017, o segundo maior valor nessa base de comparação em toda a série histórica.

A Indústria, por sua vez, teve variação negativa (-0,5%) na comparação com o trimestre imediatamente anterior. A Construção Civil teve peso decisivo neste resultado, com queda de -2,0% na margem e de -7,0% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Em nível, o PIB da Construção não era tão baixo desde o terceiro trimestre de 2009. Já a Indústria de Transformação cresceu 0,1% na comparação com o primeiro trimestre deste ano. Apesar de pouco expressivo, esse é o segundo resultado positivo consecutivo na margem.

Com isso, mesmo que a economia brasileira fique estagnada no restante do ano (crescimento zero na margem), teremos, ao final de 2017, variação de 0,5% na comparação com 2016, encerrando assim oficialmente o período recessivo.

Confiança da indústria cresce com alívio no cenário político-econômico

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) cresceu 1,0 ponto em agosto na comparação com julho, atingindo a marca de 54,2 pontos. Esse foi o terceiro aumento da confiança seguido, recuperando parte da forte queda observada em maio com o acirramento da crise política. Comparado a agosto do ano passado, o avanço foi de 1,5 ponto. O índice varia de 0 a 100 pontos e acima de 50 indica confiança.

O ICEI é um indicador antecedente utilizado para identificar mudanças na tendência da atividade industrial. Dois componentes entram na sua formação: o Índice de Condições Atuais (ICA) e o Índice de Expectativas (IE). Os dois são obtidos com base nas avaliações dos empresários sobre a economia brasileira e a própria empresa. Nesse sentido, o aumento da confiança na passagem mensal foi puxado por avaliações melhores tanto em relação à conjuntura atual quanto em relação às expectativas.

O Índice de Condições Atuais subiu de 47,2 pontos em julho para 48,9 em agosto. Apesar do crescimento, continuou abaixo de 50 pontos, retratando piora nas condições dos negócios nos últimos seis meses. Do mesmo modo, o Índice de Condições Atuais da economia brasileira registrou aumento de 2,0 pontos, passando de 43,8 para 45,8. Sobre a avaliação na própria empresa, a expansão do índice foi de 1,5 ponto, para 50,5 pontos, deixando, portanto, de piorar.

O componente de expectativa demonstra que o

cenário para o setor deve melhorar nos próximos seis meses. Todos os indicadores ficaram acima dos 50 pontos, o que significa que as avaliações otimistas superaram as pessimistas entre os empresários. O Índice de Expectativa passou de 56,1 para 56,8 pontos entre julho e agosto. O índice referente à economia brasileira cresceu de 49,0 para 52,0 pontos, mostrando que os empresários gaúchos recuperaram o otimismo (moderado) com a economia perdido nos dois meses anteriores. Por sua vez, as expectativas com as próprias empresas pouco se alteraram no mês (59,4 pontos), permanecendo no campo positivo.

O ICEI/RS de agosto demonstra que os empresários gaúchos voltaram a acreditar na melhora do cenário econômico nacional, a partir do arrefecimento da crise política deflagrada em maio. Isso revela a compreensão deles sobre a importância da estabilidade política para o avanço das reformas e do ajuste fiscal e para a retomada da economia, que já conta com alguns sinais animadores como a queda dos juros e da inflação, a safra agrícola, a geração de emprego e o aumento das exportações industriais.

Contudo, os resultados revelam também que as condições econômicas continuam frágeis e a retomada da indústria gaúcha ainda não começou, confirmando o cenário atual de estabilidade. Como indicador antecedente, o ICEI/RS de agosto sinaliza recuperação da atividade do setor nos próximos meses.

Crise atenua e indústria gaúcha projeta aumento da demanda

A Sondagem Industrial do RS de julho mostrou aumento da produção pela primeira vez em quatro anos no mês, menos demissões, menor ociosidade, estoques ajustados e expectativas positivas.

Medido em pontos, o indicador de produção avançou de 48,7 em junho para 51,6 em julho, o que significa crescimento ante o mês anterior, superando os 50 pontos pela primeira vez em quatro anos em julho.

Já o emprego continuou caindo em julho em ritmo similar ao de junho e, desde março de 2014, não mostra aumento. Apesar disso, o indicador passou de 48,2 para 48,6 pontos no período, chegando ao melhor resultado para o mês em quatro anos.

A Sondagem de julho mostrou também que, apesar de menor, a ociosidade na indústria gaúcha continua elevada. A utilização da capacidade instalada (UCI) atingiu 66%, dois p.p. acima de junho, mas quatro abaixo da média histórica do mês. O indicador que mede a UCI em relação à usual atingiu 40,1 pontos em julho, 1,5 acima de junho. A elevação do índice na faixa inferior aos 50 pontos demonstra que o nível de UCI ficou mais próxima do normal.

Os resultados indicam ainda que a indústria gaúcha conseguiu manter os estoques ajustados em julho. O índice de estoques em relação ao planejado, aos 50,7

pontos, continuou próximo da marca dos 50 pontos, que representa no nível esperado pelas empresas.

Nesse cenário, a indústria gaúcha mostra perspectivas mais positivas para a demanda, indicando crescimento da atividade nos próximos seis meses. Números acima de 50 expressam projeções de crescimento. O índice de expectativa de demanda registrou 57,4 pontos em agosto. Parte disso vem da demanda externa: o índice de quantidade exportada atingiu 54,4 pontos. Consequentemente, as empresas projetam maiores compras de matérias-primas (54,3 pontos). As perspectivas positivas, porém, não chegaram ao emprego, cujo indicador ainda mostra ligeira tendência de queda: 49,4 pontos, mas cada vez mais próximo da estabilidade (50 pontos).

Por fim, a intenção de investimento para os próximos seis meses também teve ligeira melhora, mas ainda em nível muito baixo: o índice passou de 45,2 em julho para 46,5 pontos em agosto. O índice abaixo dos 50 pontos significa que a parcela de empresas que não pretende investir é maior (54,6%) ante a parcela que pretende (45,4%). Já o aumento do índice na comparação com o do mês anterior demonstra que essa diferença diminuiu.